

Dona Dilma e Seu José Nunes orgulho em conviver com o Semiárido

Dona Dilma Ramalho de Oliveira e Seu José Nunes Pinheiro são casados há vinte anos e desde então lidam juntos nas atividades de produção de alimentos e criação de pequenos animais na Comunidade Vargem João Alves, no município de Araçuaí.

Eles têm dois filhos, Breno e Leonardo, que também participam da dinâmica de produção da família. *“Breno hoje estuda Informática e Leonardo está na Escola Família de Araçuaí. Tanto um quanto outro praticam aqui, tudo o que aprenderam na EFA. Todo conhecimento agroecológico que eles têm lá, trazem, ensinam e fazem valer a educação do campo, respeitando o conhecimento que a gente já tinha também”*, diz dona Dilma.

O casal fica por conta da lavoura e do quintal produtivo, que de fato, é muito farto. Eles produzem milho, mandioca, maracujá, feijão, goiaba, banana, coco, graviola, figo, umbu, hortaliças diversas, pimenta, mamão, tamarindo, laranja, limão e ervas medicinais.

“Eu gosto de lidar com a terra. Antigamente tudo que plantava colhia. Hoje não é igual porque as chuvas vêm diminuindo. Com o passar do tempo, as coisas estão dificultando muito. Depende da chuva. Mas, se tiver chuva, tem produção”, conta dona Dilma. Seu José reforça *“quando tem água suficiente, você vai trabalhando, vai produzindo, planta uma abóbora, faz uma hortinha. Já é uma fonte de renda que você tem”*. Além dos produtos da terra, o casal se desdobra na feitura de quitandas (biscoitos diversos, roscas, queijos e doces) que juntamente com o excedente da agricultura é comercializado na feira-livre do município, o que gera uma renda extra para a família.

A rotina do casal é sempre muito agitada com tantos afazeres e compromissos. Ele que também é pedreiro, vez ou outra está em viagem pelas comunidades e municípios da região na construção das cisternas de placas dos programas da ASA (Articulação Semiárido Brasileiro) ou então na migração para o corte de cana. Sobre a migração diz Seu José *“a vida de migrante não é fácil, é muito triste, porque você fica longe da família, e quando sai é porque as coisas ficam difíceis no campo”*.



Unidos e felizes na convivência com o Semiárido



Parte do quintal, onde é farta a produção



Ela, quando o marido não está, assume toda lida da roça e da casa e ainda tem tempo para organizar a associação da comunidade onde atua como secretária e também na celebração do culto dominical. Dona Dilma lembra que quando as tecnologias da ASA chegaram à comunidade, foram as mulheres que assumiram o trabalho de mutirão, na época 17 mulheres. E para ela o que mudou depois da Asa foi que as famílias adquiriam novos conhecimentos de manejo com a terra, reforçou o trabalho comunitário, sendo as caixas a melhor coisa que teve para a comunidade. *“A gente tem que aprender a conviver com pouca água. Toda água aqui é reaproveitada, nada é desperdiçado. Tudo o que vamos fazer precisa ser em benefício da terra, em benefício da água. Essas caixas são uma benção pra nossa região”,* diz dona Dilma. *“Armazenar água é armazenar vida”,* afirma seu José.



Este casal, como tantos, através de suas experiências, vem mostrando sim, as potencialidades de se conviver e com orgulho com o Semiárido. *“Nunca desisti de sair do campo, a gente sempre busca alternativas pra viver aqui. Se planta uma coisa e não dá a gente experimenta outra. Nós nascemos no campo, crescemos no campo, estamos envelhecendo no campo, então sair daqui pra quê? Meu sonho é ficar velhinha aqui, sempre plantando e colhendo e que nunca falte água”,* diz dona Dilma.



“O que me faz ficar no campo é o trabalho na roça mesmo. A esperança de ficar e ver a produção. Tudo que a gente produz aqui serve pra gente alimentar e também vender na feira. E o melhor é que tudo que é produzido é saudável, não tem veneno, não tem agrotóxico, né? Tudo sadio”, afirma Seu José.

Dona Dilma e Seu José fazem questão de dizer que formaram uma família feliz e que têm uma convivência de muita harmonia, compreensão e cumplicidade. *“Eu ajudo Dilma, ela me ajuda e assim a gente vai levando”,* conta seu José. *“Essa boa convivência é repassada aos filhos como exemplo de muito amor e muita conversa. Uma família que vive e trabalha unida”,* conclui dona Dilma.



Feitura e comercialização das quitandas

Realização

Apoio